
ECOLOGIA

SILVIA LAMPARELLI BUENO

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O TRABALHO COM VALORES EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS SALAS VERDES EM TESES E
DISSERTAÇÕES (2000-2016)**



Rio Claro - SP
2022

Silvia Lamparelli Bueno

A experiência estética e o trabalho com valores em Educação Ambiental nas Salas Verdes em teses e dissertações (2000 - 2016)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Ecóloga

Orientador: Prof(a) Dr(a) Maria José de Oliveira Campos

Coorientador: Lisiane Abruzzi de Fraga

Rio Claro - SP
Ano 2022

B928e	Bueno, Silvia Lamparelli A experiência estética e o trabalho com valores em educação ambiental nas Salas Verdes em teses e dissertações (2000-2016) / Silvia Lamparelli Bueno. -- Rio Claro, 2022 36 p. : tabs. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ecologia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientadora: Maria José de Oliveira Campos Coorientadora: Lisiane Abruzzi de Fraga 1. Educação Ambiental. 2. Valores. 3. Estética. 4. Salas Verdes. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SILVIA LAMPARELLI BUENO

**A experiência estética e o trabalho com valores em
Educação Ambiental nas Salas Verdes em teses e
dissertações (2000 - 2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Ecóloga

BANCA EXAMINADORA:

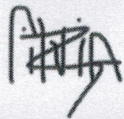
Prof(a). Dr(a). Maria José de Oliveira Campos (orientadora)

Lisiane Abruzzi de Fraga (coorientadora)

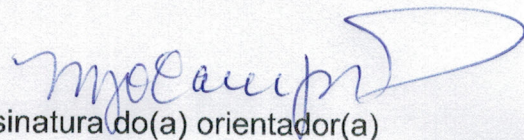
Dr. Romualdo José dos Santos

Prof(a). Dr(a). Maria Inez Pagani

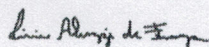
Aprovado em: 08 de Fevereiro de 2022



Assinatura do discente



Assinatura do(a) orientador(a)



Assinatura do(a) coorientador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha coorientadora, orientadora e minha mãe que me ajudaram muito durante todo o processo de execução do trabalho. Tivemos que nos readequar por conta de uma pandemia mas no final deu tudo certo!

Não poderia esquecer da minha segunda família que tive a oportunidade de conhecer e viver durante sete anos, muitas pessoas que eu tenho um carinho enorme e vou levar comigo para a vida toda, obrigada pelos momentos incríveis que passamos juntos!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as percepções e compreensões dos autores de teses e dissertações que olharam para o Projeto Salas Verdes do Ministério do Meio Ambiente – MMA, analisando práticas de Educação Ambiental desenvolvidas. Para isso, foi realizada uma pesquisa de estado da arte, vinculada a revisão bibliográfica. As teses e dissertações selecionadas, entre os anos de 2000 e 2016, foram obtidas no banco do Projeto EArte. As análises realizadas foram construídas a partir do referencial de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). O foco das análises foi a percepção dos autores das pesquisas com relação às dimensões da Educação Ambiental propostas por Carvalho (1999) e às dimensões para o trabalho com valores em Educação Ambiental propostas por Bonotto (2008) presentes nos Projetos Salas Verdes estudados. Os resultados apontam, na percepção dos autores, ênfases nas dimensões dos conhecimentos e dos valores. As atividades de campo são utilizadas predominantemente para facilitar o aprendizado de conteúdos curriculares e de comportamentos, visões que se distanciam das propostas de Carvalho (1999) e de Bonotto (2008). Apesar disso, também foram encontrados alguns momentos em que a participação política foi reivindicada, seja pelos autores das teses e dissertações, seja por professores participantes das pesquisas que trouxeram experiências locais para as atividades.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Projeto Salas Verdes. Estética. Valores

Abstract

The goal of this study was to discuss perceptions and comprehension of authors of thesis and masters dissertations that looked into the “Green Rooms Project” from the Ministry of Environment (MMA) projects, analyzing related environmental education practices. In order to examine those studies a state of art research, linked to a literature review, was carried out. The selected studies were conducted from 2000 to 2016 and were gathered from the EArt Project database. The analyses performed were based on the content analysis framework proposed by Bardin (2011). The focus of the analysis was to establish the perception of the research authors of the Green Room Projects studied, regarding the dimensions of Environmental Education proposed by Carvalho (1999) and the dimensions for working with values in Environmental Education proposed by Bonotto (2008). The results indicate, in the authors' perceptions, emphasis on the dimensions of knowledge and values. Field activities were predominantly used to facilitate the learning of curricular contents and behaviors, views that distance themselves from the proposals of Carvalho (1999) and Bonotto (2008). Despite this, in some moments political participation was claimed, either by the authors of theses and dissertations, or by professors participating in the research, bringing local experiences to the activities.

Keywords: Environmental Education, Green Rooms Project, Aesthetics, Values

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.OBJETIVOS.....	15
2.METODOLOGIA.....	16
3.RESULTADOS.....	20
4.CONCLUSÕES.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

Introdução

O estilo de vida hegemônico na atualidade começou a ser instaurado desde o século XV com a queda do sistema feudal na Europa Ocidental e a expansão colonial por meio da invasão de outros territórios (SILVA, 2014), quando um modelo mercantil e urbano surgiu em oposição ao rural (camponês). Quanto mais essa ideia civilizatória¹ tomou forma e avançou, o campo ganhou uma imagem ruim, e sua população passou a ser vista como menos desenvolvida, selvagem e bárbara. Assim começou a transição do campo para a cidade, e, junto com esse movimento, a rejeição à natureza, criando uma barreira entre a cidade (civilizado) e o campo (selvagem) (CARVALHO, 2017).

Esse novo modelo de consumo e produção induziu a população a um novo estilo de vida, aumentando cada vez mais a centralização das pessoas nas cidades. E, junto com esse novo estilo de vida, o desequilíbrio na relação do homem com a natureza foi sendo ampliado, resultando em um aumento na escassez de alimento, proliferação de doenças, desaparecimento de paisagens naturais, entre outros problemas causados por um modelo civilizatório insustentável (TAKADA, 2015).

Com o surgimento e exacerbação dos múltiplos problemas ambientais nos centros urbanos, a atenção tem se voltado para a necessidade de se buscar solução para essas questões e melhores condições de vida para a população.

Os temas ambientais passaram a ser discutidos mais intensamente em eventos técnicos e políticos, como na Conferência de Estocolmo, Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano, promovida pela Organização das Nações Unidas, realizada em 1972, a primeira na história a reunir um número significativo de Estados e organizações para debater as questões relacionadas ao meio ambiente. A conferência produziu um Plano de Ação para o Meio Ambiente Humano, que foi essencial para o desenvolvimento do Direito Ambiental e da Educação Ambiental, além de ter sido um marco histórico para a EA pela discussão e busca por soluções para a crise ambiental internacional, mesmo com alguns países sendo contra a conferência e as decisões nela tomadas (BADR, Eid et al).

¹ Silva (2014) escreveu, a partir de Lander (2000), que o caráter constitutivo da experiência colonial e da colonialidade, pouco considerado por abordagens hegemônicas e eurocêntricas, construiu discursos históricos (evangelização, civilização, modernização, desenvolvimento e globalização) que têm sustentado a concepção arbitrária de um padrão civilizatório que seria superior e normal.

Inicialmente, a EA estava mais relacionada ou associada ao movimento ambientalista, tendo um viés mais ecológico e de preservação do ambiente natural. Posteriormente, com a ampliação dos debates e estudos acadêmicos, foram sendo aprofundados os diálogos com o campo educacional na construção de conhecimentos acerca dos trabalhos educativos com as temáticas ambientais, bem como com outras áreas do conhecimento através das quais foi possível estabelecer relações entre questões ambientais e problemas sociais históricos, por exemplo.

A área de pesquisa da Educação Ambiental no Brasil vem crescendo muito desde a década de 1980, quando as primeiras pesquisas acadêmicas sobre o tema no país foram desenvolvidas. Essa consolidação da EA como um campo de pesquisa foi se firmando nas últimas três décadas (DIAS, 2015).

O campo da educação teve grande importância na construção do campo específico da EA. É possível considerar a educação ambiental como prática de atuação na transformação social, podendo contribuir para o desenvolvimento do senso crítico e se constituir em um exercício de participação política, na medida em que propicia um entendimento mais profundo das nossas interações com o meio. A educação ambiental é um caminho de colaboração com a mudança, podendo instruir e sensibilizar a população de uma forma geral para os problemas ambientais a serem enfrentados, buscando medidas que facilitem o entendimento da urgência desses problemas (Marcatto, 2002 e MMA, 2004).

A Política Nacional de Educação Ambiental, instituída pela lei nº 9.795, foi elaborada a partir do reconhecimento de que a EA é fundamental, e é necessário que esteja presente e disposta em todos os níveis educacionais, sendo eles formais ou não formais (BRASIL, 1999).

No ano 2000, o Ministério do Meio Ambiente, por meio do Departamento de Educação Ambiental, instituiu o Projeto Salas Verdes. Este foi criado com o objetivo de suprir as demandas de inúmeras instituições que buscavam no Ministério do Meio Ambiente publicações para subsidiar suas ações de Educação Ambiental. No início, o maior foco seria criar um espaço para servir como uma “biblioteca verde”. Mas, ao longo dos caminhos de consolidação do projeto, percebeu-se que poderia ser um espaço com múltiplas funcionalidades e potencialidades, para além de fornecer acesso à informação. Ressalta-se que esse projeto se mantém em andamento até hoje.

No que se constitui uma Sala Verde? Trata-se de um espaço voltado a atividades de caráter educacional com temáticas socioambientais e culturais que visam contribuir e estimular a discussão crítica; um espaço de diálogos que possam incentivar práticas que envolvam uma melhoria na qualidade de vida local (BRASIL, 2013).

O diálogo com as comunidades facilita e favorece a construção coletiva de uma proposta de intervenção socioambiental participativa e sustentável, levando à formação que favoreça a participação política em um processo de construção de sociedades sustentáveis. A Sala Verde deve ser um centro de referência que, além de um espaço que disponibiliza acesso à informação, seja também um espaço de encontro, construção de reflexão e ação acerca de problemas socioambientais, onde acontecem cursos, programas de formação continuada, palestras, teatros, oficinas, eventos, encontros, reuniões, campanhas, exposições e mostras (BRASIL, 2013).

As Salas Verdes são vinculadas a uma instituição pública ou privada, estando normalmente localizadas em prefeituras municipais, secretarias de meio ambiente, secretarias de educação, institutos federais e universidades. Não possuem um padrão pré-definido, cada uma é única, devendo cada instituição caracterizá-las do seu jeito, desde que considerando a identidade institucional e o público com quem trabalha.

Os Projetos Salas Verdes envolvem quatro elementos fundamentais para seu funcionamento: espaço, equipe, equipamentos e recursos financeiros, além do projeto político-pedagógico. O atendimento a essas necessidades fica sob responsabilidade da instituição responsável, não havendo disponibilização de recurso público específico para o projeto.

Além de espaços “formais” como escolas, projetos Salas Verdes existem em outros locais, como por exemplo parques e praças, nos quais se pode vivenciar e interagir com a natureza, participando de uma atividade de EA.

De um modo geral, os projetos desenvolvidos nas “Salas Verdes” são práticas extraclasse em que estudantes e/ou outros membros das comunidades têm contato com o que foi visto, estudado em sala de aula e/ou vivenciado ao longo da vida, em termos ambientais. Durante as atividades de campo, como excursões ou visitas, o professor e/ou educador ambiental pode motivar os alunos e/ou demais membros das comunidades a enxergarem o espaço estudado de várias formas,

fomentando o espírito investigador deles (ROSA; MAIO 2018). Dessa forma, o contato com a natureza e os problemas socioambientais proporcionam às pessoas uma nova visão da veracidade dos acontecimentos, o que contribui para uma visão crítica da realidade. Assim, atividades de EA em espaços verdes, parques, praças, áreas florestadas, acabam sendo uma experiência que colabora para o entendimento da conexão entre as pessoas e o meio em que vivem.

Seguindo a perspectiva de Carvalho (1999), é importante considerar, nas atividades de Educação Ambiental, três diferentes dimensões, que, de acordo com o autor (Carvalho, 1999, p. 3), podem ser definidas da seguinte forma:

CONHECIMENTO - relacionada com a natureza dos conhecimentos a serem trabalhados.

VALORES ÉTICOS E ESTÉTICOS - relacionada com valores éticos e estéticos envolvendo a questão da natureza.

POLÍTICA – um conjunto de objetivos relacionados com a dimensão política, no sentido de preparar o indivíduo para ações concretas na busca de soluções para os problemas ambientais.

Tendo desenvolvido um estágio junto ao Projeto Pedagógico do Programa Sala Verde do município de Rio Claro, no qual pude desenvolver algumas atividades práticas de EA, interessei-me por compreender como os projetos Salas Verdes valorizam experiências estéticas e avaliar se a dimensão dos valores tem sido trabalhada a partir da experiência estética sem abdicar das outras dimensões.

Segundo Bonotto (2008), existem três dimensões a serem consideradas no trabalho com valores em EA: *cognição*, *afetividade* e *ação*, que, de acordo com a autora (Bonotto, 2008, p. 304), podem ser definidas da seguinte forma:

COGNIÇÃO: reflexão sobre as ideias, concepções, sentimentos e valores relativos a um foco de interesse (um dado assunto ou objeto, valores a ele associados ou mesmo um valor em si), permitindo a elaboração de compreensões, análises e juízos de valor a seu respeito.

AFETIVIDADE: trabalho de sensibilização e envolvimento, identificação e expressão dos sentimentos; de apreciação estética com relação ao valor apresentado.

AÇÃO: vivência de situações reais de envolvimento com o valor apresentado/desejado, buscando a complexidade das experiências, a serem tanto apreciadas como refletidas. A construção de um valor se revelará, em última instância, no plano da ação, como hábitos ou atitudes coerentes com o valor construído.

Mais especificamente, este estudo analisa as percepções de pesquisadores que focaram suas pesquisas nos projetos “Salas Verdes” desenvolvidos em

diferentes instituições. O material de referência para o desenvolvimento deste estudo foram dissertações e teses que tiveram como foco o estudo de projetos Salas Verdes, desde o início da instituição desses projetos.

Para tanto, foram consultadas teses e dissertações encontradas no site do projeto EArte, projeto este em construção desde 2006. Esse banco de teses e dissertações é um acervo e um catálogo preliminar dos trabalhos referenciados, com o intuito de recuperar parte da produção acadêmica no campo da Educação Ambiental produzida no Brasil, constituindo um acervo que possibilita dimensionar a produção em diferentes regiões do país, como consta no site do projeto².

Conforme descrito no site, o banco de Teses e Dissertações do Projeto EArte se originou a partir do projeto de pesquisa “O que sabemos sobre Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (dissertações e teses)”, inicialmente desenvolvido por docentes da Faculdade de Educação da UNICAMP. Desde 2008, o projeto foi sendo ampliado com a participação de outras universidades públicas do país.

A classificação dos trabalhos como sendo de Educação Ambiental obedeceu a critérios³ elaborados pelos grupos de pesquisadores responsáveis pelo banco de dados EArte. Estão incluídos estudos que relacionam a temática ambiental ou o ideário ambientalista com o processo educativo.

Como exposto anteriormente, optou-se por analisar as percepções dos autores das pesquisas sobre a presença ou não das dimensões estéticas e de valores e sobre a forma como essas dimensões são apresentadas nos projetos que eles analisaram. A importância desse mapeamento reside na necessidade identificada de se compreender as interações (ou não) entre as múltiplas ações de EA, levando à reflexão sobre possíveis relações entre projetos locais e globais, por meio da análise do que tem sido priorizado nesses trabalhos.

Esta pesquisa está entre um conjunto de pesquisas que vêm sendo produzidas nos últimos anos no Brasil conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Estabelecidas com um caráter bibliográfico, pesquisas sobre o “estado do conhecimento” mapeiam e discutem produções acadêmicas de diversos campos do conhecimento, procurando observar e

² <http://www.earte.net/>

³ Os critérios podem ser encontrados no banco do projeto EArte em: <http://earte.net>.

responder quais dimensões e aspectos vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares (FERREIRA, 2002).

Segundo Soares e Maciel (2005), citado por Carvalho et al. (2012), são estudos que buscam identificar, descrever e explicar determinados acontecimentos em uma área ou assunto específico da produção científica para, em um segundo momento, entender o significado dessa produção no contexto da área de pesquisa, podendo assim caracterizar os estudos de estado da arte como pesquisa descritivo-explicativa na subcategoria análise de documentos.

1.Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as percepções e compreensões dos autores de teses e dissertações que olharam para os Projetos Salas Verdes com relação às atividades de Educação Ambiental desenvolvidas nesses projetos.

As seguintes questões orientaram a presente pesquisa:

- Quais das *dimensões da EA – valores, conhecimento, política* – propostas por Carvalho (1989) são identificadas pelos autores das teses e dissertações como sendo privilegiadas nos projetos de Salas Verdes analisados?
- Quais aspectos e/ou *dimensões do trabalho com valores – cognição, afetividade, ação* – em EA propostas por Bonotto (2008) são, na visão dos autores das teses e dissertações analisadas, abordadas naqueles projetos “Salas Verdes”?
- Que relações entre a experiência estética e a EA foram identificadas pelos autores das teses e dissertações analisadas, nos trabalhos de campo realizados nos projetos “Salas Verdes”?

2. Metodologia

Neste trabalho, optou-se, conforme exposto anteriormente, por uma pesquisa de estado da arte, vinculada a revisão bibliográfica. Segundo André et al. (1999, p. 308), citado por Carvalho et al. (2012), pesquisas de estado da arte são trabalhos que apresentam uma revisão de literatura e uma análise comparativa de várias pesquisas, em um recorte temporal definido, sendo possível fazer um balanço de determinada temática.

“Observar as características da evolução histórica, tendências temáticas e metodológicas, os principais resultados das investigações, problemas e limitações, as lacunas e áreas não exploradas, dentre muitos outros aspectos que devem ser objeto de análise em relação à produção acadêmica em uma determinada área de pesquisa (MEGID NETO e PACHECO, 2001).”

As pesquisas em estado da arte podem ter um importante papel na composição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois buscam observar possibilidades e limites da construção das teorias e das práticas pedagógicas, como estão sendo disseminadas, e apontam alternativas e soluções para problemas encontrados (ROMANOWSKI, 2006).

Mas como favorecer essa compreensão da produção de conhecimento? Investigando como se dá essa produção em uma determinada área, ou seja, quais as ênfases e temas que estão sendo abordados nas pesquisas, qual vem sendo a relação entre o pesquisador e as pessoas, se ocorrem práticas pedagógicas ou não, quais são as sugestões e questões apresentadas pelos pesquisadores, qual a contribuição dos professores/pesquisadores na definição das tendências do campo de formação de professores (ROMANOWSKI, 2006). Nesta pesquisa, especificamente, foi estudada a percepção de pesquisadores que analisaram projetos “Salas Verdes” sobre a presença ou não de práticas pedagógicas, bem como da experiência estética, além da forma como essas práticas se desenvolvem nesses projetos.

Uma busca prévia no banco de dados do Projeto EArte usando as palavras-chave “sala verde” e “projeto salas verdes” revelou sete trabalhos compreendidos no período de 2000 até 2016. Esses trabalhos constituem a amostra analisada nesta pesquisa. Para a análise desse material, realizou-se uma leitura flutuante desses sete trabalhos para verificar quais atenderiam aos critérios estabelecidos para

responder às questões de pesquisa. Para tanto, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo proposta por Bardin.

Segundo Bardin (2011), é possível dizer que a análise de conteúdo apresenta três fases, sendo elas: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

De acordo com essa autora, a primeira fase (pré-análise) é o momento de sistematizar as ideias iniciais. Geralmente, pode ser dividido em três etapas: "a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final". Por sua vez, a exploração do material consiste em uma administração sistemática das decisões tomadas. Já a última fase é o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, em que os resultados vão ser tratados para serem significativos e validados.

Neste trabalho, é realizada uma reflexão a respeito da análise da construção teórica e prática que os autores das teses e dissertações fizeram dos projetos Salas Verdes que eles analisaram, estudados nos 7 trabalhos de teses e dissertações incluídos no banco de dados do EArte, desenvolvidos no período de 2000 a 2016.

Numa primeira etapa, foram lidos os sete trabalhos para verificar se atendiam aos critérios estabelecidos para que pudessem ser utilizados para responder às questões deste estudo. Os requisitos necessários seriam: a existência de uma Sala Verde, além de uma prática sendo realizada pelo próprio pesquisador ou uma análise sobre uma prática que ocorre na Sala Verde.

A partir de uma leitura flutuante dos sete trabalhos, com base nesses critérios, foram selecionados quatro deles. Os outros trabalhos não tinham foco em Salas Verdes instituídas porque estavam analisando a possibilidade de se instaurar uma Sala Verde ou usando-a como um exemplo de trabalho a ser executado, ou seja, não estavam analisando uma Sala Verde que de fato já exercia atividades e sim a ideia de se criar uma.

Após essa seleção, foi realizada uma leitura aprofundada dos capítulos que apresentavam ou analisavam as práticas nos quatro trabalhos selecionados. Essa decisão foi tomada devido às questões de pesquisa apresentarem foco nas práticas realizadas nos projetos Salas Verdes. No quadro 1, são apresentados dados gerais das teses e dissertações que foram analisadas neste trabalho. Foi mantida a

numeração inicial, anterior à leitura flutuante realizada para seleção dos trabalhos. Dentre os sete, serão objeto de estudo deste trabalho somente os trabalhos T1, T4, T5 e T7, sendo T4, T5 e T7 dissertações, e T1 tese.

QUADRO 1 – Dados gerais dos trabalhos analisados

T1	Autor: JOSÉ MARIA VIEIRA DA FONSECA Título do trabalho: “Diagnóstico da Gestão e Ações de Educação Ambiental Realizadas por Uma Sala Verde Localizada no Município de Divinópolis, Minas Gerais (2013).” Objetivos do trabalho: Este trabalho teve como objetivos 1 – avaliar se a Sala Verde “Frei Paulino”, inaugurada em março de 2008, no município de Divinópolis, cumpria o papel de uma biblioteca verde, socializando e democratizando informações no campo ambiental, ou como um Centro de Educação Ambiental e 2 – Identificar concepções de gestores da Sala Verde, bem como de professores e diretores que participaram das ações ali desenvolvidas, sobre as expressões “Meio Ambiente” e “Educação Ambiental”. Duração da pesquisa: Três anos (de 2009 a 2011). Procedimentos de Pesquisa: <u>O autor participou da criação das atividades</u> desenvolvidas pela Sala Verde, utilizou consultas documentais e observações de campo durante as atividades realizadas e entrevistou professores, diretores e gestores da Sala Verde.
T4	Autor: LEISITÂNIA NERY TEIXEIRA Título do trabalho: A educação ambiental na proposta de formação continuada de professores no estado de Sergipe (2011) Objetivos do trabalho: A autora do trabalho tinha como objetivo compreender como a Educação Ambiental está presente nas propostas de formação continuada de professores no Estado de Sergipe, seguindo as seguintes perguntas norteadoras: - Educação Ambiental está presente nas propostas de Formação Continuada de professores? - A dimensão ambiental na Educação se insere no processo de formação continuada de professores? - Como e quais são as concepções das propostas de formação continuada de professores? - Quais as ações desenvolvidas pelas instituições formadoras que vislumbram a formação do professor numa perspectiva ambiental? Procedimentos de Pesquisa: A autora coletou dados de documentos, tais como leis, projetos, relatórios anuais, dentre outros, cedidos pelas três instituições que participaram da pesquisa. Essas instituições foram selecionadas sob o critério de serem consideradas as principais instituições responsáveis pela formação do professor no Estado de Sergipe a nível municipal (SEMED), estadual (SEED) e federal (UFS). Na UFS, destaca-se o projeto de extensão “Sala Verde na UFS”. Foram realizadas entrevistas com seis coordenadores de projetos das instituições participantes. Duração da pesquisa: dados dos relatórios de 2007 a 2010.
T5	Nome do autor: OSMARINA MARIA DOS SANTOS DANTAS Título do trabalho: Formação continuada docente: o teatro de fantoches possibilitando reflexões em educação ambiental (2010) Objetivo do trabalho: A autora do trabalho tinha como objetivo entender como a oficina de teatro de fantoches contribui quando se quer trabalhar a educação ambiental na formação de professores. Procedimentos de Pesquisa: <u>A autora criou e realizou as oficinas</u>, entrevistas e rodas de conversa. Segundo ela, após avaliar as informações dos questionários, da oficina, do diário de bordo e das falas dos sujeitos, ainda sentiu necessidade de realizar entrevistas com as professoras. Duração da pesquisa: 2008 a 2009

T7	Nome do autor: ELPÍDA ANDRÉIA DE QUEIROZ NIKOKAVOURAS Título do trabalho: Sala verde e curso de formação de educadores ambientais: contribuição do sistema estadual de meio ambiente para a educação ambiental nas escolas públicas de Fortaleza (2012) Objetivo do trabalho: A autora do trabalho tinha como objetivo conhecer, através da pesquisa, resultados advindos da atuação da SEMACE e do CONPAM na implementação e efetivação da Educação Ambiental nas Escolas Públicas de Fortaleza através dos dois projetos citados, e, assim, averiguar se os objetivos desses órgãos, em relação à formação de alunos/as e professores/as em EA, estavam sendo alcançados. Procedimentos de Pesquisa: Para análise do Projeto Sala Verde, inaugurado em 2004, a autora coletou dados da SEMACE e nas entrevistas com os servidores e colaboradores daquela instituição. Duração da pesquisa: 2012

3.Resultados

As dimensões de EA “conhecimentos” e “valores” foram aquelas identificadas pelos autores como as de maior frequência nos projetos Salas Verdes analisados nas teses e dissertações estudadas. Mesmo que todos os autores estejam falando de uma EA crítica e apresentando todas as dimensões, suas análises indicam menor ocorrência da dimensão política nos projetos Salas Verdes. Nos trechos abaixo, os autores indicam a possibilidade de ocorrência da dimensão política.

“Almejando a compreensão do ambiente e a sensibilização para os problemas decorrentes das questões sociais, o projeto vem sendo desenvolvido por meio de métodos de ensino que propiciam aos participantes a capacidade de pensar e agir eficazmente nas decisões em sua sociedade.” - Fala da autora do T4 [grifos meus]

“Assim, procurei dar ênfase às reflexões sobre o sentido que os sujeitos atribuem aos acontecimentos no seu contexto social, político e acadêmico.”- Fala da autora do T5 [grifos meus]⁴

Analizando as falas dos autores e as falas que selecionaram dos sujeitos de pesquisa, é possível perceber que as dimensões “conhecimento” e “valores” são realmente as dimensões mais privilegiadas, como podemos ver nos trechos a seguir.

“Assim, a educação ambiental (EA), como elemento formador, pode ser uma ferramenta fundamental para que os indivíduos das sociedades atuais umentem o conhecimento, aperfeiçoem suas habilidades, adquiram valores e comportamentos que favoreçam a conservação, preservação e melhoria do meio ambiente, bem como da qualidade de vida.” T1 [grifos meus]⁵

“Objetivos relacionados à sensibilização são por demais complexos, o que se torna ainda mais complicado ao envolver temáticas ambientais contextualizadas. Sensibilizar requer disposição para rever atitudes, conceitos e valores, logo, empregar o teatro de fantoches como forma de efetivação de intentos evidencia suas potencialidades.”- Fala da autora do T5 [grifos meus]

“Analisando outro relatório da servidora Deborah Freire, ela ressalta a preocupação que sentiu com a falta de “práxis” e contextualização dos alunos, que apesar de terem algum conhecimento da temática ambiental, de realizarem trabalhos nesta área, este conhecimento não está sendo suficiente para ser usado na prática, para transformar a realidade” - Fala da autora do T7 [grifos meus]

Foi possível observar que, embora a dimensão política não seja abordada na maioria dos trabalhos, tanto na fala dos autores como dos sujeitos de pesquisa, essa dimensão aparece em alguns momentos. Por exemplo, nas falas dos coordenadores do T4, e um pouco mais trabalhada na prática com fantoches no T5, ainda que não tenha sido apresentada com profundidade. Neste caso, a dimensão política surgiu na fala de participantes da oficina de fantoches, porque a atividade de teatro possibilitou uma

⁴ A prática nesse projeto estava sendo desenvolvida pela própria pesquisadora.

⁵ A prática nesse projeto estava sendo desenvolvida pelo próprio pesquisador.

abertura para que os participantes levassem problemas socioambientais concretos vivenciados nos locais onde residem para a roda de discussão que foi realizada.

Os trechos a seguir exemplificam inserções da dimensão política nos trabalhos de EA realizados em algumas Salas Verdes. Estes trechos apresentam falas dos sujeitos de pesquisa do trabalho T5 selecionadas pela autora.

“Dona Esperança, o personagem principal, orienta adultos e crianças para mobilizar uma comunidade a lidar com seus problemas ambientais. Segundo a profª Lucie ao “redigir a história pensei em mostrar uma condição, que é a falta de cuidado com as crianças, pois como podemos cuidar do ambiente se não conseguimos atentar para as condições que as crianças vivem?” [grifos meus]

“afirmação da profª. Isabel: “as percepções ambientais estão relacionadas a contextos sociais” [grifos meus]

Um aspecto importante a ser observado é que existem contradições também em discursos e práticas realizadas. Às vezes, é apresentada uma forma de se trabalhar, como por exemplo com um teatro de fantoches, mas a pessoa vai trabalhar aquilo da forma que ela “conhece/acredita”. Por exemplo, no T5, a autora, a todo momento, fala da importância dos fantoches e cita como pode trabalhar a criatividade e sensibilização das pessoas, mas ela mesma escolheu um trecho que justifica e explica o uso dos fantoches que parece ser comportamentalista, como se você pudesse moldar a pessoa pelo teatro, conforme apresentado no trecho abaixo. Isso significa que nem sempre a experiência de ação-criação dos professores será igualmente trabalhada com as crianças se apenas apresentarem a história numa perspectiva moralizante.

“O teatro oportuniza simulações de aspectos cotidianos em contexto favorável ao exercício da ludicidade. No âmbito da Educação Básica, pode auxiliar para que a criança internalize regras de conduta, valores, modos de agir e pensar de seu grupo social (REGO, 2001).” T5 [grifos meus]

“Em se tratando do uso de teatro de fantoches, Sol (2007) comenta que com o boneco nas mãos o professor poderá alfabetizar, contar histórias, ministrar aulas de Geografia, Ciências, História, Matemática... Por sua vez, Guerra⁴ et al. (2007b) corroboram com a importância do teatro de fantoches no cotidiano escolar, ao constatarem que, após a apresentação do teatro, cujo tema era lixo, alguns alunos passaram a cobrar atitudes dos colegas, tal como não jogar lixo no chão. Trata-se de resultado que remete a EA, pois envolve reflexão e cuidado com o ambiente imediato (DIAS, 2004).” T5 [grifos meus]

Uma questão interessante que foi possível observar a partir das apresentações/pesquisas desses autores e que foi bastante constante é que, com a valorização da dimensão dos conhecimentos, fica reforçada a ideia de que, na percepção dos autores dessas dissertações e teses, para os participantes dos projetos Salas Verdes, a EA só pode ser trabalhada por uma pessoa da área de

biológicas. Existe a percepção de que a EA só pode ser trabalhada pelo professor de ciências, como se fosse atribuição exclusiva dos profissionais da área biológica, desconsiderando as outras dimensões da EA; o que pode ser observado no comentário da autora do T5, transcrito abaixo, no qual ela comenta sobre a fala do sujeito de pesquisa.

“A centralização da responsabilidade pela EA no professor de Ciências está bem evidenciada neste posicionamento: “como vou discutir um assunto que não tenho domínio, o professor de Ciências tem competência para discutir” (Lucie)Oficina”. Essa compreensão está relacionada à fragmentação do conhecimento e à compartimentalização das disciplinas, sendo que conteúdos como os de Ecologia, frequentemente relacionados com EA, reforçam sua vinculação com Ciências.”[grifos meus]

“Também verifiquei que correlacionar abordagens ambientais a temas estudados em Ciências é algo presente na literatura (BIZERRIL; FARIA, 2001; DANTAS et al., 2009), uma vez que EA é tratada como conteúdo de Ciências por estar relacionada a um dos assuntos da disciplina Ecologia, o que torna as discussões sobre a crise ambiental um complemento nos currículos escolares.”

E por que será que a EA ainda é muito relacionada com os conteúdos biológicos? Nota-se, nas falas dos autores e nas dos sujeitos de pesquisa (falas selecionadas por aqueles autores), que essa visão de que a natureza é um recurso a ser usado por nós nas atividades de EA ainda é muito forte e só reforça esse lado mais conteudista, em que temos que aprender sobre esses recursos a serem usados, como ilustrado no trecho abaixo.

“Em “Lucas e a natureza” a partir da dramatização de situações de usufruto e degradação do meio natural, buscou-se sensibilizar o aluno a compreender que podemos utilizar recursos naturais sem destruir a natureza.” – Fala da autora do T5 [grifos meus]

Levando-se em conta que a espécie humana é parte da natureza, entender sua relação com o ambiente vai muito além dos conteúdos das ciências naturais, englobando conhecimentos de outras áreas (sociais, filosóficos, ...) e experiências de sensibilização e participação política. Tudo isso reforça a interdisciplinaridade das questões ambientais. Os trechos a seguir, trazidos pela autora do T5, ilustram essa visão nas falas das professoras que participaram da oficina de fantoche.

“A Prof^a. Isabel tem convicção de que o conhecimento que sabe no momento é o suficiente para transmitir aos seus alunos: “propiciar o respeito pelo outro e pelo meio em que vive, porque se uma criança aprende a ter respeito pelo seu semelhante terá também com o ambiente” T5 [grifos meus]

“No trabalho “O teatro de fantoche: instrumento para educação ambiental em escolas do entorno do Parque Ambiental de Belém”, Baía et al. (2009b) tratam especificamente do teatro como estratégia para sensibilizar crianças sobre a importância do PAB como espaço a ser conservado.

Os autores concluíram que o teatro de fantoches pode ser introduzido nas práticas pedagógicas das escolas, porém enfatizaram (p. 9) o papel do educador que precisa estar em sintonia com os alunos e dispostos não só a ensinar, mas estar aberto a aprender também” - Fala da autora do T5 [grifos meus]

Ainda no que se refere à dimensão dos valores, ela é mencionada na maioria dos trabalhos com frequência; mas de que forma será que os valores estão aparecendo nesses trabalhos? Examinando as falas apresentadas pelos autores e sujeitos de pesquisa, é possível notar que, apesar das dimensões da afetividade e da ação no trabalho com valores estarem presentes em alguns trabalhos, a dimensão da cognição ainda é muito forte. Assim, apesar de se perceber uma tendência na qual os valores começam a estar mais presentes, “entender” parece predominar sobre “sensibilizar” e “agir”.

“Observando outros projetos da SEMACE, tais como Coleta Seletiva, Praia Limpa, podemos classificá-los como sendo pontuais e que levam mais em consideração a parte natural de meio ambiente, visando mais mudanças comportamentais que de percepção, as outras dimensões ficam veladas nesses projetos.” - Fala da autora do T7 [grifos meus]

“No entanto, a Educação Ambiental, às vezes, vem sendo feita de forma pontual, onde alunos e professores são submetidos a conhecer somente espaços naturais, deixando de lado trabalhos geralmente urgentes e necessários em suas próprias comunidades, problematizando questões ambientais do seu entorno. Então, essa fragmentação é sinônima da incompreensão da necessária complexidade do debate ambientalista” - Fala da autora do T4 [grifos meus]

O compreender ou entender parecem precisar vir antes, sendo sempre o início do processo educacional, como se, primeiramente, fosse necessário entender tudo, para sensibilizar depois. Mas é possível que parte do processo de compreensão aconteça enquanto se faz algo, vivenciando também. A teoria e a prática não necessariamente acontecem separadamente. Segundo Hermann (2010, p.23):

No âmbito educacional, a teoria kantiana teve forte penetração sobretudo pela convergência entre o conceito de autonomia e as expectativas educacionais da modernidade. Caberia à educação formar moralmente o homem, usando a autonomia, comprometido com a escolha de fins universalizáveis. [...] dificuldade de situar as normas em um determinado contexto deve-se ao seu caráter excessivamente abstrato, aprisionada pelo conceitual, insensível às peculiaridades de cada circunstância.

Para modificar nossa relação com o ambiente, é importante que seja trabalhado não de forma neutra sem envolvimento do pesquisador com o meio, quando a natureza acaba sendo um recurso, um objeto externo a nós; mas também na experiência. Para preservar a natureza ou mudar nossas relações com o ambiente, é

preciso valorizar isso. Só é possível preservar ou transformar algo quando for valorizado. Desse modo, como os temas ambientais são sempre vistos como "conteúdos" a serem transmitidos, dificilmente serão atingidas as outras dimensões da EA. É possível abordar alguns aspectos dos valores ou da política, mas serão trabalhados apenas através da cognição, conduzindo a perspectivas moralizantes. Há conteúdos a serem trabalhados na educação ambiental, mas vai além disso. Foi possível notar essa tendência nas falas de alguns autores.

Foi possível observar ainda que, em grande parte dos trabalhos, os autores ou os sujeitos de pesquisa citam que sentem falta da parte da relação/pertencimento dos alunos ou professores, que esse sentimento não vem sendo trabalhado a contento, que as atividades são sempre pontuais, realizadas de forma tradicional como aulas ou palestras, ou sobre apenas alguns assuntos que se repetem. Essa forma de trabalho não tem sido suficiente para a sensibilização dos estudantes para as questões ambientais. Os trechos a seguir representam algumas dessas falas:

“Os alunos se mostraram pouco conhecedores e pouco interessados na temática ambiental. É necessário envolvê-los de outra forma, saindo do formato padrão de palestra, sala de aula” – Fala do sujeito de pesquisa do T7 [grifos meus]

“Foi preocupante porque apesar dos alunos estarem motivados, realizando apresentações muito criativas sobre o meio ambiente e sua preservação, ao perguntarmos quais ações de preservação ambiental eles realizavam, praticamente todos ficaram calados. Eles ainda não foram sensibilizados, ainda não partiram para ações ambientais conscientes. Apenas realizar trabalhos escolares não está sendo suficiente para se gerar uma transformação na comunidade (Deborah Freire, Relatório Técnico CODAM/2011, p.02)” – Fala do sujeito de pesquisa do T7 [grifos meus]

“No entanto, a Educação Ambiental, às vezes, vem sendo feita de forma pontual, onde alunos e professores são submetidos a conhecer somente espaços naturais, deixando de lado trabalhos geralmente urgentes e necessários em suas próprias comunidades, problematizando questões ambientais do seu entorno. Então, essa fragmentação é sinônima da incompreensão da necessária complexidade do debate ambientalista” Fala da autora do T4 [grifos meus]

É possível perceber a seguir, nas falas dos autores e sujeitos de pesquisa, que normalmente as escolas, quando vão escolher e trabalhar algum assunto da EA, selecionam a mesma coisa, como reciclagem, a questão da água ou mesmo as datas comemorativas. No primeiro exemplo, foi selecionado um trecho de uma das histórias criadas e apresentadas no teatro pelas professoras participantes da pesquisa.

*“Joãozinho: Mãe, mãe! Hoje a professora falou sobre a educação ambiental, foi muito legal!
Mãe: Foi mesmo? E o que ela falou?”*

Joãozinho: Disse que nós temos que preservar o meio ambiente, não jogar o lixo em qualquer lugar, pois, entopem os bueiros, os canais.” – Fala do sujeito de pesquisa do T5 [grifos meus]

“Contudo, subsidiados apenas por livros didáticos, passa a trabalhar através de projetos muitas vezes pontuais, quer dizer, não houve a reflexão necessária sobre as questões ambientais daquela comunidade escolar. O que ocorre, são comemorações como dia da água, dia da árvore, entre outras, através de projetos produzidos fora do contexto de determinada escola.” – Fala da autora do T4 [grifos meus]

“Analisando o formato do Projeto Sala Verde Jorge Neves, podemos observar que de acordo com São Paulo (1994) ele se classifica como sendo de forma pontual, pois as escolas vão à SEMACE, normalmente em visitas de um (1) ou dois (2) dias, ou solicitam visita do órgão para ministrar palestra, próximo a alguma data comemorativa (meio ambiente, dia da árvore), não realizando uma maior articulação com a comunidade escolar.” – Fala da autora do T7 [grifos meus]

“Dos temas sugeridos pela SVFP, os mais solicitados, no período da pesquisa, foram os relacionados com o lixo e mudanças climáticas.” – Fala do autor do T1 [grifos meus]

Essas falas corroboram a percepção de que, nas atividades desenvolvidas nos projetos Salas Verdes analisados pelos pesquisadores, de um modo geral, são comuns temas presentes na mídia, muito semelhantes entre si e pontuais. É importante observar que os trechos apresentados são de três trabalhos de pesquisa diferentes, dentre os quatro analisados.

Um ponto muito interessante observado é que o T4 foi um dos trabalhos em que as dimensões “valores” e “política” estão mais presentes. Essa percepção se baseia nas falas dos coordenadores do projeto Sala Verde trazidas pelo autor do T4, dando a entender que isso se deve a um novo modo de enxergar a EA. Os coordenadores comentam que a visão deles sobre a EA mudou bastante depois de participarem de um grupo de discussão. É possível observar na fala de um deles, por exemplo, que ele entendeu que a EA vai muito além do conteúdo a ser transmitido e que, para que mudanças ocorram de fato, as outras dimensões como os valores e a política teriam que estar presentes.

“O GEPEASE, eu aprendi muita coisa, li alguns textos, textos até que nem externam pedidos como leitura para discussão com o grupo, que eu sentia a necessidade de ler e a minha visão de educação ambiental foi mudando ao longo do tempo e vem mudando também, veio forte modificação, porque antes eu achava ah esse negócio de educação ambiental é reciclar, fazer horta, é sustentabilidade, e já não sei se a sustentabilidade se sustenta no sistema que hoje se coloca. (C6) sujeito de pesquisa do T4 ” [grifos meus]

Outro aspecto a ressaltar é que, considerando a visão desses autores, é possível notar que normalmente mencionam a dimensão política na introdução dos

trabalhos [posicionamento do pesquisador], mas, ao relatar ou selecionar falas dos sujeitos de pesquisa, essa dimensão é a menos privilegiada, o que pode indicar o quanto ainda se está distante de uma mudança coletiva.

“Ainda de acordo com a ex-coordenadora, o objetivo principal da Sala Verde é o de “despertar/sensibilizar as pessoas para as questões ambientais, mostrar a responsabilidade de cada um sobre essas questões, pois muitas vezes, colocamos a responsabilidade apenas no Poder Público, e cada um deve fazer a sua parte”. Percebemos nesta fala, que apesar de a entrevistada em alguns momentos defender o meio ambiente em todas as suas dimensões e a EA para ela como não sendo sinônimo apenas de bons comportamentos ambientais, nessa última colocação se aproximou mais da vertente comportamental, definida por Carvalho (2001): como a EA que tem a “tendência de culpabilizar todos os indivíduos como se todos fossem igualmente responsáveis pelos efeitos da degradação ambiental”. T7 [grifos meus]

O trecho anterior também apontou para um problema recorrente, que a individualidade ainda é muito forte e parece ser mais "fácil" de ser trabalhada. Ou seja, que a origem dos problemas levantados e a responsabilidade pela mudança dessas situações recaem sobre cada cidadão de forma isolada e individual. Isso levanta a seguinte questão: será que as soluções dessas questões ambientais só serão alcançadas a partir de mudanças de atitudes ou iniciativas individuais?

Um exemplo disso é apresentado no T1, quando é debatida a questão da água, e as falas remetem a uma mudança individual, em que cada um tem que fazer a sua parte para daí conseguirmos minimizar os impactos que causamos nos recursos hídricos.

“Nossa água: aborda atitudes e comportamentos com relação ao uso, conservação e minimização do desperdício da água. Faz-se uso de filmes educativos sobre a temática em linguagem adequada ao grau de ensino dos participantes.”- Objetivo da palestra da Sala Verde do T1 [grifos meus]

“Sim. Ressalto o tempo todo com as crianças que temos que poupar a água do planeta.”- Fala do sujeito de pesquisa do T1 [grifos meus]

Assim, nos trabalhos analisados, nota-se essa ênfase em soluções individuais. Isso também é notado em campanhas de conscientização para que se reduza o consumo de água porque estamos passando por uma crise hídrica. Mas não seriam também necessários acordos ou controle em outros setores da sociedade, como o agronegócio e as indústrias, para a redução do consumo desse recurso? Consequentemente, reforça-se uma percepção de que a responsabilidade recai sobre o cidadão, com expressões como “feche a torneira para escovar os dentes”, “não lave a calçada”, dentre outras. Não que essas ações não sejam importantes, mas será que

elas são suficientes para reverter esse quadro? Qual a proporção de consumo de água entre a população e as grandes empresas? Para compreender isso, são necessários conhecimentos de outras áreas além das ciências da natureza, bem como experiências concretas de envolvimento social das comunidades com essas questões. São ações coletivas e políticas que precisam começar a aparecer para, assim, haver uma mudança significativa, caso contrário, vamos continuar na mesma situação.

Se a mudança é cobrada individualmente, a culpabilização também recai sobre indivíduos, produzindo um imaginário de que é porque “alguém está fazendo errado”. Em alguns trabalhos, nota-se que o autor acaba responsabilizando os professores por não estarem trabalhando determinado assunto ou da forma “correta”, ou apontando que o problema estaria unicamente em sua formação tradicional, o que está destacado nos trechos abaixo. Muitas vezes, esses professores trabalham em mais de uma escola, e talvez não tenham tempo para realizar cursos, ou trabalham em um lugar que não possui um espaço adequado para realizar esses projetos.

“Essa visão simplista advém de uma formação que ainda é tradicional e fragmentada, preparando mal os professores que, futuramente, irão direcionar suas práticas pedagógicas de acordo com sua concepção sobre meio ambiente (ALMEIDA, 2005), fato enfatizado por alguns autores (CAMARGO; BRANCO, 2003; FERNANDES; SOUZA, 2003; MAIA; OLIVEIRA, 2003) os quais, em suas pesquisas, afirmam a necessidade de uma formação continuada dos professores.”- Fala do autor do T1 [grifos meus]

“Reciclar, na concepção material é fazer novamente. Como por exemplo, para reciclar papel é necessário antes desestruturar o papel fisicamente e depois compô-lo em outro. No caso dos professores, entendo que antes deve desconstruir as ideias formadas e depois construir com novo sentido.”- Fala da autora do T4 [grifos meus]

A forma como o ensino está estruturado acaba dificultando esse trabalho não pontual. Porque os professores têm currículos para serem seguidos em uma organização espacial e temporal que não favorece experiências outras com a construção de conhecimentos, regras que são colocadas na escola, falta de incentivo a novas formas de ensino e ausência de trabalhos coletivos (incluindo comunidade e universidade, por exemplo, em relações de trabalho horizontais), que acabam colocando os riscos (inerentes a todo processo educativo) sobre o profissional individualmente. O trecho a seguir mostra a percepção da professora de que as atividades de EA estão presentes nas escolas como atividades complementares, o

que indica haver preocupação de professores quanto a esse problema, embora haja dificuldades para mobilizar outras formas de trabalho:

“Segundo a Professora Martha, “nas escolas que já visitei, a educação ambiental não é abordada nas disciplinas, mas é tratada na condição de data comemorativa (Entrevista).” A abordagem da EA apenas em momentos específicos nas escolas (BARCELOS, 2003) contribui para que as discussões referentes a enfoques mais abrangentes de ambiente sejam excluídas do cotidiano escolar.” T5 [grifos meus]

É possível constatar isso, também, na fala de uma das professoras, sujeito de pesquisa do T5, quando ela está em uma roda de discussão e argumenta sobre a fala da outra professora, explicando a dificuldade de executar propostas de atividade diferenciadas quando se tem um currículo a ser cumprido, e no final a EA fica em datas comemorativas:

“não concordo com você, pois acredito que não seja falta de planejamento, mas há situações que nós somos cobradas para desenvolver o conteúdo escolar enquanto a EA fica em datas específicas para ser trabalhada através de jogos”^{Oficina}. Fala do sujeito de pesquisa do T5 [grifos meus]

Até agora, só foram apresentados os problemas dessa relação, mas é possível enxergar o outro lado de tudo isso, a importância de espaços que fomentem o encontro entre universidade e escola de forma não hierárquica. Esses momentos proporcionam uma troca muito rica para ambos, para que os conhecimentos não fiquem isolados nas suas próprias bolhas e, provavelmente, possibilitem mudar as relações entre universidade e escola, de forma que os dois lados possam contribuir para o aprendizado, trazendo problemas socioambientais locais e, assim, podendo adentrar na realidade de cada um.

Apesar das outras dimensões dos valores (afetividade e ação) aparecerem em algumas situações, observando as análises apresentadas pelos autores, verifica-se que a *cognição* é a mais privilegiada em detrimento da *ação*. Percebemos que, às vezes, existem ideias conscientes a respeito de algumas transformações importantes na prática, mas o resultado final é diferente. Um exemplo disso é o trabalho 1, em que o autor narra uma prática e cita a importância da vivência e contato para se sentir parte da natureza, e quando relata a prática, tudo o que foi trabalhado tem relação com o conteúdo a ser estudado pelos alunos e o disciplinamento do corpo. Em nenhum momento eles reportam que foi realizado algo na dimensão afetiva ou ação participativa com relação ao meio ambiente.

“O que mais percebemos nos alunos é o amadurecimento, porque, quando eu os conheci, eram muito infantis com relação ao comportamento. Depois do curso de desporto-orientação a gente nota a diferença entre os que fizeram e os que não fizeram. Os que praticam desporto orientação são mais atentos, ligados, mais atentos, trazendo inúmeros benefícios desde a parte pedagógica até o inter-relacionamento pessoal. Eles não admitem um comportamento diferente do coletivo, ou seja, tudo é em prol de todos. Como, por exemplo, os alunos do sexto ano, que são alunos difíceis; fica fácil perceber tais avanços. A disciplina desses alunos no recreio já melhorou bastante, eles obedecem a horários e cumprem determinadas regras. O comportamento dos alunos que praticam o DO difere daqueles que não praticam, o que a meu ver comprova benefícios que o DO proporciona”- Fala do sujeito de pesquisa do [T1] [grifos meus]

Um dos objetivos deste trabalho foi também verificar se os autores das teses e dissertações que analisaram projetos Salas Verdes identificaram atividades práticas, desenvolvidas naqueles projetos, e caso existisse, se era uma prática com um contato com a natureza ou uma atividade como fantoche, colagem e etc.

Observa-se que o único trabalho que relata uma prática com um contato direto com a natureza foi o T1. O T5 apresentou uma prática com fantoches que pôde proporcionar um trabalho também muito interessante, na avaliação do autor. Apesar da atividade deste último não apresentar um contato direto com a natureza, os relatos mostraram que são abrangidas mais dimensões que no T1, no qual os alunos foram levados a uma trilha em um parque. Essas práticas serão discutidas a seguir a partir dos trechos extraídos dos relatos apresentados nos respectivos trabalhos.

“O trabalho realizado na trilha do parque tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma consciência ambiental em relação ao bioma cerrado. Durante o trajeto da trilha é possível trabalhar com as questões socioambientais, que envolvem a temática do lixo e a importância de se preservar o cerrado. No caminhar da trilha é possível parar em pontos estratégicos para observação/informação de exemplares da fauna e flora do cerrado, entre relações ecológicas e, consequências das ações antrópicas positivas e negativas em relação ao ambiente, constituindo, assim, um instrumento pedagógico facilitador para compreensão e fixação de conceitos acadêmicos, bem como das características e importância do bioma cerrado.” T1 [grifos meus]

O autor, quando relata os objetivos do trabalho na trilha e outras práticas (como o projeto reciclando, que engloba o viveiro, galpão onde é trabalhada a compostagem), até dá a entender que eles também entrariam na dimensão política e dos valores, na questão da relação homem-natureza, no pertencimento, como podemos ver no trecho seguinte.

“O viveiro educador como espaço para a educação ambiental, na perspectiva das relações CTS, possibilita um aprendizado pautado na vivência, no diálogo e na reflexão acerca das questões socioambientais, permitindo que, durante o processo da produção de mudas, haja momentos de se estabelecerem conexões entre as relações culturais, econômicas, políticas e sociais e o processo de degradação ambiental.” [T1]

Mas, quando começa a descrever a prática em si, cita apenas a importância de se promover um espaço de discussão e de trabalhar esses conteúdos da sala de aula ao ar livre, o que também é muito interessante, ainda que não necessariamente aprofunde questões relacionadas à temática ambiental. Isso pode ser observado nos trechos a seguir.

“Segundo a coordenadora da SVFP, relatos informais de professores que participaram do trabalho na trilha, feitos em ocasiões de reuniões pedagógicas na Semed, ênfatizam o quanto foi positivo o trabalho nas trilhas, pois utilizavam sempre que possível de exemplo mostrado ao longo da trilha para elucidar uma explicação de conteúdo em sala.” T1 [grifos meus]

“Durante o percurso até o primeiro ponto de observação, os alunos puderam perceber as características adaptativas da vegetação de cerrado, a partir das folhas e caules. Durante as observações, os alunos trocavam informações e ressaltavam características como as árvores tortuosas, cascas grossas, folhas com pelos ou espinhos, etc.” T1 [grifos meus]

“No galpão de compostagem é demonstrado aos participantes o adequado tratamento no destino final do lixo, onde ocorre o processo biológico de compostagem, no qual, os microrganismos convertem a parte orgânica dos resíduos em material estável tipo húmus, também conhecida como composto. Nesta etapa promove-se uma discussão sobre as ações negativas da queimada e desmatamento, em relação ao processo natural da reutilização da matéria.” T1 [grifos meus]

Um ponto passível de questionamento é que, a partir das análises do que foi apresentado pelos autores, há indícios de que embora a dimensão dos valores estivesse sendo trabalhada, talvez não tenha acontecido da forma nem intensidade que se esperaria. Pois, apesar de ser uma prática bem mais focada na dimensão dos conteúdos, a dimensão dos valores aparece. A afetividade, quando abordada, parece explorar os afetos na construção de uma visão mais comportamentalista. Outras vezes, há uma ênfase mais na parte da cognição, também em uma perspectiva de compreender qual seria a atitude “certa”, mas raramente elas aparecem juntas. Quando vai ser trabalhada a dimensão da afetividade, a cognição acaba sendo negligenciada, e essa afetividade aparece como sendo comportamentalista.

Portanto, observando as análises dos pesquisadores das teses e dissertações, não é possível afirmar que o trabalho com valores esteja ausente, mas que, muitas vezes, não relaciona cognição, afetividade e ação, de modo a construir o envolvimento ético dos estudantes em decisões contextualizadas ou em diálogo com as dimensões do conhecimento e da ação política. Isso pode ser visto nos trechos a seguir.

“A convivência dos alunos no grupo e entre os grupos, durante o trajeto, proporcionou benefícios como: controle das emoções, diminuição do egocentrismo, mudança de comportamento (ao comunicar-se com os colegas de outros grupos, transmitindo o conhecimento construído no seu grupo), assimilação de determinados conceitos citados em sala de aula, etc.” T1 [grifos meus]

“No período referente a essa pesquisa, muitos alunos, professores e familiares aderiram ao Esporte Orientação e hoje são orientistas competidores com excelentes pontuações em campeonatos municipal, estadual e nacional.

“Essa realidade já favoreceu muitos alunos em risco social, abrindo caminho para uma vida mais sadia, repleta de amizade e companheirismo, mais segurança e agradável, permitindo conhecer novos horizontes e sendo valorizado socialmente.” T1 [grifos meus]

Ou seja, na visão dos pesquisadores que analisaram projetos Salas Verdes, a afetividade está sendo trabalhada, mas de uma forma diferente, dentro de uma visão comportamentalista, envolvendo competição e disciplinamento, como se isso levasse a uma vida melhor e livre de problemas, como é possível observar no trecho acima.

A autora do T5 não relata nenhuma prática em que os participantes do projeto Sala Verde por ela analisado tenham tido contato direto com a natureza, mas relata uma atividade prática na qual identificou diferentes dimensões de EA. As participantes conversaram sobre como trabalhar conteúdos, como montar uma atividade que não fosse a prática pela prática. Na avaliação da autora, o momento de as professoras montarem a história do teatro foi totalmente livre, o que proporcionou a inclusão das três dimensões da EA, dependendo das trocas de conhecimentos e experiências ocorridas entre a pesquisadora e as professoras participantes durante a oficina. Isto é, segundo a autora, essa atividade estimula a criatividade, a sensibilização e a mudança de visão e atitude em relação ao ambiente. A partir disso, observei um agir na experiência estética do teatro que pode ser trabalhado na educação infantil, em que dilemas éticos e políticos podem aparecer. O fantoche facilita trabalhar de forma interdisciplinar e instiga o participante a colocar suas ideias e pensamentos na prática.

4. Conclusões

De forma geral, as dimensões da Educação Ambiental na concepção de Carvalho (1999) mais valorizadas, na percepção dos autores que analisaram Salas Verdes, são as de conteúdos e de valores. Além disso, é possível notar, a partir das pesquisas dos autores que analisaram os projetos Salas Verdes, que ainda persiste uma visão de que a EA trabalha mais as questões da área das ciências biológicas, permanecendo com o maior enfoque nos conteúdos a serem transmitidos.

Dentro da dimensão dos valores na concepção de Bonotto (2008), foi possível constatar que, na visão da maioria dos autores das teses e dissertações, a dimensão que apresentou mais enfoque foi a cognição, o que faz sentido, pois reflete uma visão difundida de que o entender vem sempre antes, como se para vivenciar ou sentir, fosse necessário compreender. No entanto, apesar da cognição estar sendo priorizada, isso não significa que as outras dimensões não sejam abrangidas; a questão é que, embora estejam presentes em alguns momentos, são trabalhadas separadamente e de uma forma que reforça uma visão comportamentalista.

Outro ponto importante a ser ressaltado, observado em mais de uma pesquisa, é que a responsabilidade pelo resultado das atividades é considerada sempre do professor, que, desse modo, precisaria se aperfeiçoar. Esse fato é bastante relevante, porque a parte da dimensão política é a menos presente nos trabalhos. Então, quando se trabalha alguma mudança, ela é individual. Presumir que o professor precisa providenciar esse aperfeiçoamento, e que o cidadão deve mudar seus hábitos, são ideias que se complementam em uma mesma perspectiva focada nas ações individuais. Contudo, deve ser considerado o papel das ações e das mudanças coletivas, do envolvimento da comunidade escolar, e da transformação das relações entre universidades e escolas. Assim, provavelmente, apenas as ações individuais de professores não sejam suficientes para a transformação da sociedade.

E por que será que é tão difícil chegar a esse lugar de mudança? Foi possível constatar, em vários momentos e em trabalhos diferentes, que os sujeitos de pesquisa, na avaliação dos autores dos trabalhos analisados, sabiam que algo estava faltando; que os conteúdos estavam sendo transmitidos, mas ainda faltava algo que instigasse os alunos e professores. Portanto, nesse contexto, é preciso abranger os

aspectos dos valores e da ação coletiva: eu preciso valorizar aquilo que eu quero mudar, preciso vivenciar isso para poder juntar pessoas por uma mesma causa.

Analisando o que foi apresentado pelos autores nas pesquisas, foi possível observar que, segundo esses autores, dentro das relações entre a experiência estética e a EA, dificilmente é trabalhada a relação homem e natureza, o nosso pertencimento, porque a natureza ainda é vista como algo à parte fora de nós, um recurso a ser usado. Dentre os quatro trabalhos, somente dois relataram atividades práticas nos projetos Salas Verdes por eles analisados, e somente um relata uma prática com contato com a natureza. Apesar de ter sido uma grande oportunidade de trabalhar a relação homem e natureza com esse contato direto, a partir do que foi apresentado pelo pesquisador – também autor da prática –, ele teve um enfoque muito maior na parte dos conteúdos. Como se isso fosse uma forma diferente de trabalhar, ou seja, o tema visto em sala de aula sendo dado ao ar livre. Mas me chamou a atenção que o outro trabalho com prática, em que a pesquisadora também era a autora da atividade realizada na Sala Verde, apesar de não ter tido esse contato direto com a natureza, pôde trabalhar mais essas questões. Ou seja, o campo pode facilitar muito esse trabalho com a experiência estética, mas é possível entrar nessa dimensão sem o contato direto.

A análise das percepções dos autores sobre os projetos Salas Verdes e as reflexões decorrentes dela mostram a complexidade inerente à EA e a necessidade de compreendê-la de maneira mais aprofundada. Pois a EA vai muito além de conteúdos disciplinares e de compreensão dos valores, sendo que a ação também precisa ser incorporada e trabalhada. É preciso entender, sentir e agir conjuntamente, como observado nas dimensões apresentadas por Carvalho (1999) para EA e nas dimensões apresentadas por Bonotto (2008) para o trabalho com valores.

A mudança para uma realidade ambientalmente melhor é um processo que se torna possível na medida em que todas essas dimensões e aspectos discutidos neste trabalho sejam abordados e trabalhados nas atividades de EA em geral ou nas Salas Verdes especificamente. Para tanto, é preciso compreender, vivenciar, sentir a natureza e agir frente aos problemas ambientais atualmente vivenciados pela humanidade. Desse modo, a Educação Ambiental será capaz de cumprir de forma completa seu papel nessa construção.

Referências:

ASSIS, W.F.T. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. Caderno CRH. Salvador. Vol 27. n 72. p. 613-627. Set/dez 2014.

BADR, Eid et al. Educação Ambiental, conceitos, histórico, concepções e comentários à lei da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei no 9.795/99): Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da UEA: mestrado em Direito Ambiental / Org. Eid Badr. Vários autores – Manaus: Editora Valer, 2017.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BONOTTO, D. M. B. Contribuições para o trabalho com valores em educação ambiental. Ciência & Educação, v. 14, n. 2, p. 295-306, 2008.

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini; DE CARVALHO, Luiz Marcelo. Conhecer e apreciar a natureza: desafios da temática ambiental enfrentados por uma professora de biologia. Reunião Anual da ANPED, v. 24. 2001.

BRASIL. Presidência da República. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília. DF. 1999. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas.html>.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. Projeto Salas Verdes. Edital n. 01/2013. in: <https://www.gov.br/mma/pt-br/centrais-de-conteudo/edital-20projeto-20sala-20verde-01-2013-3-pdf>.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. Cortez Editora, 2017. 1 Ver anexo 1. 2 Ver anexo 2.

CARVALHO, L.M. et al. A educação ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica – teses e dissertações. CNPq: Relatório Científico. Rio Claro, UNESP – Rio Claro, UNICAMP, USP – Ribeirão Preto, 2012.

CARVALHO, L. M. Educação e Meio Ambiente na escola Fundamental: Perspectivas e Possibilidades. Projeto Revista de Educação, 1999.

DIAS, Carolina Mandarinini et al. Práticas pedagógicas de educação ambiental em áreas protegidas: um estudo a partir de dissertações e teses (1981-2009). 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & sociedade, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

HERMANN, N., Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética, ed. Unijuí, col. Fronteiras da Educação, Ijuí/RS, 2010.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. Ambiência, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2005.

MARCATTO, C. Educação ambiental: conceitos e princípios. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.: il. 1. Educação ambiental. I. Título ROSA, Peter da Silva;

MAIO, Angelica Carvalho Di: A importância do trabalho de campo para a Educação Ambiental: Experiência realizada com alunos do ensino médio no ecossistema manguezal. 2018.

CARVALHO, L.M. (coordenador) e demais membros do projeto. Projeto Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil (EArte). in: <http://earte.net>. Visto em: 2021.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. Revista diálogo educacional, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SÁ, J. Espaços verdes em meio urbano: uma abordagem metodológica com base em serviços de ecossistema. Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2013.

SILVA, V. A. A Relação entre Educação Ambiental Formal e Não-Formal: Um Estudo de Caso do Parque Natural Municipal da Taquara e as Escolas do Entorno, 2014.

Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro–Faculdade de Educação da Baixada Fluminense– 2007.

SOARES, O. I. Áreas verdes públicas como ferramenta para educação ambiental: estudo de caso - o projeto ecocidadãos. FESTIVAL DE TURISMO DAS CATARATAS DO IGUAÇU, FOZ DO IGUAÇU, v. 1, p. 1-15, 2013.

TAKADA, M. Y.; DE SOUZA SANTOS, G. Educação ambiental como instrumento de formação do sujeito ecológico. In: Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207. 2015.p. 89-96. VIRGENS, Rute de Almeida. A educação ambiental no ambiente escolar. 2011.